

O EGITO E OS DESERTOS CIRCUNVIZINHOS À LUZ DE NOVAS DESCOBERTAS (IV-III MILÊNIOS A.C.)¹

Juan Carlos Moreno García

Université Paris-Sorbonne – Paris IV

Introdução

Falar do Egito dos faraós traz imediatamente à imaginação o Vale do Nilo, as inesquecíveis cenas campesinas que discorrem nas férteis margens do rio onde ainda se elevam, em grande número, vestígios monumentais do seu passado. Se Lenin resumiu a sua ideia de comunismo com a célebre fórmula “eletricidade mais os soviets”, não caberia dúvida que o Nilo seria um elemento inapelável em qualquer expressão que buscasse condensar em poucas palavras os fundamentos da civilização dos faraós. Já Heródoto foi um pioneiro ilustre com sua célebre consideração do Egito como um dom, uma dádiva do Nilo. E exemplos ainda mais remotos podem ser rastreados sem esforço nas próprias inscrições faraônicas, onde se indica que o poder do soberano abarcava as duas margens e, também, os dois limites (*tnw*), isto é, as regiões de contato entre as férteis terras do vale e os desertos que se estendem pelo oriente e ocidente. Se a isso acrescentarmos a contraposição, comumente habitual nas fontes egípcias, entre o vale/Egito (*Kemet*) e os desertos (*desheret*), e a representação das áreas desérticas como regiões povoadas por criaturas fantásticas e repletas de perigo, podemos perceber até que ponto a Terra Negra seduzia e constituía para os antigos egípcios o universo familiar do conhecido. Para além deste âmbito reconfortante abriam-se espaços

¹ Texto traduzido com a autorização do autor e da revista. Publicação original: MORENO GARCÍA, Juan Carlos. Egito y los desiertos circundantes a la luz de los nuevos hallazgos (IV-III milenios A. De C.) In: *Boletín de la Asociación Española de Egiptología*, ISSN 1131-6780, nº. 18, 2008, págs. 187-204. Tradução: Rafael Augusto Nakayama Rufino – Programa de Pós-graduação em História, Bolsista CAPES. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP, Brasil. e-mail: rafaelnakayama@hotmail.com.

arruinados, impróprios para o transcorrer da vida civilizada. Não por acaso o ocidente crepuscular era o domínio dos mortos.

A consideração negativa do deserto tem sido habitual entre os pioneiros da Egiptologia. Se a vida sedentária e urbana foi tida tradicionalmente como a essência própria da civilização, do deserto só caberia esperar ameaças, quando não modos de vida certamente pitorescos, inclusive românticos, mais próximos do âmbito da Etnografia do que da História. Não é demais insistir na opinião que o beduíno ou o *tuareg* mereciam das autoridades inglesas, francesas e otomanas, e a desconfiança com que eram consideradas as populações pastoris em seu constante perambular em busca de pastos. Deste modo, curiosamente, levaram à cristalização de tópicos muito próximos daquele elaborados a milhares de anos atrás, de tal maneira que o desinteresse pelo deserto e sua consideração como um âmbito marginal, não estimulou precisamente seu estudo científico entre os egiptólogos durante décadas. As condições extremas do deserto ocidental egípcio, uma das regiões mais inóspitas do Saara, tampouco contribuíam para animar a curiosidade científica, ainda mais quando nem sequer parecia oferecer uma arte rupestre valiosa como observada em outras regiões saarianas. O deserto viria, com efeito, a corroborar seu caráter de cenário próprio de populações e atividades primitivas, um âmbito reservado, por conseguinte, a exploradores, pré-historiadores e etnógrafos. Por outro lado, quando se tratava de estudar a História, com maiúscula, os olhares dos pesquisadores se dirigiam para o vale do Nilo e seus promissores campos de ruínas.

Entretanto, não é possível afirmar que o deserto fosse, precisamente, um terreno evitado pelos antigos egípcios. Fonte de matérias-primas muito apreciadas, ademais oferecia linhas de comunicação alternativas ao curso do Nilo. As inscrições dos grandes chefes de caravanas de Elefantina, de finais do terceiro milênio, evocam a existência de uma rota dos oásis que podia ser utilizada para chegar a Nubia, ao invés da via fluvial. Além disso, o encontro inesperado, em 1917, de um enigmático depósito de jarros em Abu Ballas, distante cem quilômetros a oeste do vale do Nilo, abria uma perspectiva excitante de pesquisa, que só seria considerada de tal forma setenta anos depois. E o que dizer da descoberta das mastabas de Balat, prova irrefutável da presença de um assentamento faraônico e de uma linhagem de governadores provinciais da VI dinastia, em todos os aspectos comparáveis aos documentados no resto do Egito durante a mesma época? Com efeito, é no final do século XX que a coincidência de fatores diversos impulsionou a reconsideração do papel desempenhado pelo deserto na civilização egípcia, sobretudo em suas origens.

Um desses fatores foi, surpreendentemente, o cinema. O grande êxito de público de *Paciente Inglês* (1996) se justifica por ter contemplado os ingredientes habituais presentes nos grandes filmes clássicos de aventuras: uma história de amor impossível, um cenário exótico, personagens embarcados em uma busca existencial apenas

dissimulada pela exploração geográfica e arqueológica, e tudo isso situado no período entre guerras. Um efeito inesperado do filme foi ressuscitar o interesse por um obscuro explorador e aventureiro húngaro, o conde Laszlo Almásy, autor de valiosas descobertas arqueológicas e membro do *Club Zerzura*, um grupo informal de apaixonados pelo deserto, concentrados na busca do lendário oásis de Zerzura, possível ponte entre o Egito e as imensidões saarianas e africanas². A onda de curiosidade desencadeada por esses aventureiros, bem como o cenário dessas aventuras, o deserto Líbico (o deserto ocidental egípcio), coincidiu com a irrupção de um personagem singular que confirmaria, mais uma vez, que a aventura e a exploração não eram incompatíveis com a arqueologia. Carlo Bergmann é um excêntrico economista alemão que há vinte anos abandonou uma promissora carreira bancária para realizar seu sonho de explorar o deserto ocidental egípcio e encontrar as provas da existência de antigas rotas de caravanas entre o antigo Egito e o interior da África. Desde então, pacientemente, dedica-se a percorrer o deserto Líbico ano após ano, divulgando pontualmente os achados realizados. Por último, em 1999, os pesquisadores italianos Giancarlo Negro e Vincenzo De Michele anunciaram à comunidade científica uma descoberta surpreendente: o escaravelho que adorna o célebre peitoral de Tutankamón tinha sido talhado em um material muito especial, um cristal esverdeado que procede unicamente de um lugar da Terra, uma área do deserto Líbico situada em pleno Mar de Arena a centenas de quilômetros a oeste do vale do Nilo. Ali, há milhões de anos, o impacto de um meteorito provocou a cristalização da arena circundante, produzindo um vidro cuja beleza foi considerada digna de enobrecer as joias dos soberanos do Egito.

No entanto, para além dessas circunstâncias midiáticas, o interesse pelo deserto ocidental egípcio estimulou o projeto arqueológico ACACIA, promovido pela Universidade de Colônia. As numerosas prospecções e estudos do terreno levados a cabo desde os anos 1990 permitiram descobrir numerosos assentamentos e conhecer em detalhes as condições ambientais em que viveram os antigos povoadores do Saara oriental. Projetos similares também tornaram possível uma melhor compreensão da pré-história da região, como no caso das pesquisas feitas por Fred Wendorf. O quadro ficaria incompleto sem mencionar as escavações francesas nos oásis de Dajla, Bahariya e Jarga, que culminaram com a localização de numerosos vestígios da presença egípcia nesses lugares tão distantes do vale do Nilo, desde a localidade de Balat, já mencionada, até templos e redes de galerias subterrâneas em Jarga, e tumbas de

² Com o êxito do filme foi publicada na Áustria, em 1997, uma compilação de alguns dos relatos e informes elaborados por Almásy sobre suas explorações no deserto Líbico. Esta obra foi imediatamente traduzida para o espanhol: L.E. Almásy, *Nadadores en el desierto. A la búsqueda del oásis de Zarzura*, Barcelona, 1999.

funcionários provinciais e novos assentamentos do terceiro milênio em Bahariya. Inesperados também foram os arquivos recuperados, que incluem numerosos documentos demóticos em Jarga e um notável conjunto de placas de argila procedente do palácio dos governadores de Balat e de suas capelas, do final do III milênio³.

Os desertos nas origens do Egito Faraônico

As recentes descobertas arqueológicas permitem reconstruir gradualmente a história da presença humana no deserto ocidental egípcio, uma presença que está ajudando a compreender melhor as circunstâncias que propiciaram o nascimento da primeira entidade política proto-faraônica em Hieracômpolis.

Em primeiro lugar, as prospecções de campo e o uso de imagens de satélite revelaram que o Saara oriental estava repleto de centenas de lagos e de cursos de água permanentemente alimentados pelas chuvas, que permitiam a existência de uma fauna e de uma flora variadas, próprias de ambientes estépico e lacustres, e de onde as populações de caçadores e coletores obtinham sua subsistência. Por volta de 4000 a.C., por exemplo, o lago Chade tinha uma superfície de 350.000 km² (aproximadamente o tamanho da Alemanha) e se constituía como o quarto lago de água doce do planeta, muito distante dos escassos 1500 km² atuais. Também foi localizada outra grande superfície de água doce, conhecida como Paleolago Nubio e situado no extremo noroeste do atual Sudão, com um tamanho de 5300 km². O Uadi el-Hogar (também conhecido como Nilo Amarelo) constituía desde então o principal afluente da margem esquerda do Nilo, com águas permanentes ao longo de um curso de 1100 km e de uma largura que chega em alguns lugares a 10 km. Em torno dele prosperava uma fauna de hipopótamos, elefantes, antílopes, girafas e, no geral, as espécies típicas das savanas africanas, enquanto que suas águas acolhiam uma rica variedade de peixes. Tal riqueza de recursos facilitava o deslocamento dos grupos humanos do Nilo até as baixas montanhas⁴ de Ennedi, no atual Chade, enquanto que os lagos e os pontos de água que irrigavam o Saara oriental permitiam a mobilidade de populações pastoris que, em muitos casos, deixaram importantes vestígios de sua existência e de suas crenças, como sucede em Nabta Playa.

³ Para uma visão geral, ver: J.C. Moreno García, *Egipto en el Imperio Antiguo (2650-2150 antes de Cristo)*, Barcelona, 2004, p.237-269.

⁴ No original: *estribaciones* (N.T.)

A distribuição de instrumentos líticos e de certas produções cerâmicas, como os chamados Clayton Rings, atesta a presença humana em regiões remotas de onde, posteriormente, ela ficaria excluída devido à deterioração das condições de aridez do Saara e da seca de lagos e de pontos de água. No entanto, também deve ser assinalado que a diferente distribuição de certos objetos pode apontar para usos muito específicos ligados à exploração de certos recursos; é nesse sentido que podem abundar em algumas regiões e escassear inteiramente em outras, e, portanto, sua validade para estabelecer fases de aridez pode ser discutível se não se atentar para outros vestígios arqueológicos. É o caso, por exemplo, da distribuição dos Clayton Rings, dos moedores (ou pedras de moer) do tipo Gilf e dos vasos altos calciformes. Os mapas de distribuição dos mesmos são muito diferentes, embora sejam contemporâneos, o que sugere usos muito especializados cuja compreensão, infelizmente, nos escapa por completo, mas que parecem ter sido protagonizados por grupos humanos muito restritos⁵. Contudo, a partir de 5000 a.C., aproximadamente, o agravamento das condições climáticas e a crescente escassez de recursos hídricos obrigaram as populações pastoris a se dirigirem para regiões que ofereciam condições de vida mais favoráveis e ampliaram o raio de seus deslocamentos⁶. Se observarmos o caso de Djara, tem-se um ciclo sazonal de deslocamentos centrado em torno dessa depressão, onde as lagoas alimentadas pelas chuvas de inverno permitiam que os povoadores aproveitassem as pastagens das imediações. Por outro lado, na primavera, que coincidia com o início do período de seca, os deslocamentos pelos arredores eram cada vez maiores, até que a chegada da estação seca, no verão, forçava seus moradores a emigrar em direção a Fayum, ao Nilo ou aos oásis. Com a gradual aridez da região, o abandono de Djara foi inevitável a partir de 5000 a.C.⁷. Desse modo, os contatos entre o vale do Nilo e a região dos oásis foram cada vez mais como Gebel Uenat e Gilf el-Kebir, onde as populações se mantiveram até -2700 a.C. aproximadamente⁸, e a região norte do atual Sudão, que seguiu sendo a morada de populações de pastores e o local

⁵ R. KUPER, «'Looking behind the scenes'—archaeological distribution patterns and their meaning», en: O. Bubenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of Cultural and Environmental Change in Arid Africa* (Africa Praehistorica, 21), Colonia, 2007, p. 24-25. Ver também: H. Riemer, R. Kuper, ««Clayton rings»: enigmatic ancient pottery from the Eastern Sahara», *Sahara* 12 (2000), 91-100; M. C. Gatto, «Two Predynastic pottery caches at Bir Sahara (Egyptian Western Desert)», *Sahara* 13 (2001-2002), 51-60.

⁶ H. RIEMER, «Mapping the movement of pastro-foragers: the spread of Desert Glass and other objects in the eastern Sahara during the Holocene 'humid phase'», en O. Bubenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of cultural and Environmental Change*, p. 30-33.

⁷ K. KINDERMANN, O. BUBENZER, «Djara—humans and their environment on the Egyptian limestone plateau around 8,000 years ago», en O. Bubenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of Cultural and Environmental Change*, p. 26-29.

⁸ J. LINDSTÄDTER, «Rocky islands within oceans of sand—archaeology of the Jebel Ouenat/Gilf Kebir region, eastern Sahara», en O. Bubenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of Cultural and Environmental Change*, p. 34-37.

onde as condições de umidade eram mais favoráveis que no deserto ocidental egípcio⁹. No entanto, por volta de 2000 a.C. o Paleolago Nubio, o maior dos lagos da região, já se encontrava completamente seco, enquanto que o deserto ocidental egípcio era percorrido tão somente por grupos nômades muito especializados que deixaram testemunhos de sua passagem em forma de cerâmicas de tradição local do tipo Sheij Muftah, no oásis de Dajla, e dos anéis Clayton¹⁰.

Diante desse cenário é possível compreender melhor o papel desempenhado por localidades como Hieracômpolis no nascimento de entidades políticas que dariam lugar, com o passar do tempo, ao nascimento do estado faraônico. Os achados arqueológicos das últimas décadas permitiram postular a existência no Alto Egito, no último terço do IV milênio, de vários proto-estados pré-dinásticos localizados ao redor de Hieracômpolis, Abidos e Nagada. Finalmente, os reis de Abidos haviam conseguido impor sua supremacia e, depois da conquista e da integração do resto do Alto Egito e do Delta, haviam se convertido nos primeiros soberanos de um Egito unificado e, ademais, estendido seu controle sobre as regiões vizinhas. Sabemos, com efeito, que realizaram expedições militares contra Nubia e que estabeleceram “colônias” comerciais na Palestina meridional mesmo antes e imediatamente depois do estabelecimento de uma monarquia única no país. Não obstante, as escavações mais recentes efetuadas em Hieracômpolis estão modificando rapidamente essa imagem. Assim, sabe-se que nessa localidade já existia algum tipo de autoridade política na primeira metade do IV milênio, isto é, vários séculos antes do que era conhecido até agora, e que essa autoridade expressava seu poder de uma maneira bastante elaborada, como demonstra a descoberta de fragmentos de uma estátua sentada de tamanho natural¹¹, de tumbas de dimensões consideráveis e de centros ritualísticos¹². Tanto a

⁹ F. JESSE et alii, «Cattle herding in the southern Libyan Desert», en O. Bubbenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of Cultural and Environmental Change*, p. 46-49.

¹⁰ H. RIEMER, «When hunters started herding: Pasto-foragers and the complexity of Holocene economic change in the Western Desert of Egypt», en M. Bollig, O. Bubbenzer, R. Vogelsang, H.-P. Wotzka (ed.), *Aridity, Change and Conflict in Africa* (Colloquium Africanum, 2) Colonia, 2007, p. 105-144; H. Riemer, K. Kinder mann, «Contacts between the oasis and the Nile: a résumé of the Abu Muhariq Plateau Survey 1995-2002», en B. Midant-Reynes, Y. Tristant (ed.), *Egypt at Its Origins 2* (OLA, 172), Lovaina, 2008, p. 609-633.

¹¹ N. HARRINGTON, «Human representations in the Predynastic Period: the locality HK6 statue in context », en S. Hendrickx, R. F. Friedman, K. M. Cia owicz, M. Ch odnicki (ed.), *Egypt at its Origins. Studies in Memory of Barbara Adams* (OLA, 138), Lovaina, 2004, p. 25-44; H. F. Jaeschke, «The HK6 statue fragments», en Idem, *ibid.*, p. 45-66. Sobre los vestigios de otra estatua de tamaño natural procedente de la misma localidad, cf. J. E. Quibell y F. W. Green, *Hierakonpolis. Part II*, Londres, 1902, p. 15, pl. 57.

¹² R. F. FRIEDMAN, «Excavating Egypt's early kings: recent discoveries in the elite cemetery at Hierakonpolis », en B. Midant-Reynes, Y. Tristant (ed.), *Egypt at its Origins 2* (OLA, 172), Lovaina, 2008, p. 1157-1194; Idem, «The cemeteries of Hierakonpolis», en B. Midant-Reynes (ed.), *La naissance de l'architecture funéraire* (Archéo-Nil, 18), Paris, 2008, p. 8-29.

estátua como os edifícios e as tumbas encontradas nesses últimos anos precedem em vários séculos as primeiras inumações de reis pré-dinásticos de Abidos, o que obriga a reconsiderar a natureza das relações entre Hieracômpolis (o primeiro centro da realeza no Egito?) e Abidos (sede dos primeiros faraós conhecidos). A importância de Hieracômpolis como um venerável centro ritual e simbólico para a realeza foi reconhecido por faraós posteriores, quer pela construção de imponentes monumentos em suas imediações (basta pensar no “forte” de Jasejemuy), ou pela colocação de estátuas com a sua imagem no santuário local, como a célebre estátua de cobre de Pepi II, do final do Império Antigo. Quanto ao papel desempenhado por Nagada a questão é mais ambígua. Numerosas marcas de selos datadas por volta da fase Nagada IIB-c foram descobertas em uma área precisa da Cidade Sul, o que pode ter sido talvez um setor dedicado a atividades institucionais ou “comunais”¹³, haja vista que muitos dos artefatos de argila de natureza administrativa recuperados nele foram utilizados para o controle interno de locais de armazenagem. Entretanto, ainda que os vestígios funerários desse período apontem para um aumento da estratificação social, Nagada seguiu sendo uma localidade de dimensões reduzidas¹⁴.

O resultado dessa acumulação de novos achados é uma inevitável reinterpretação não só das origens do estado faraônico, mas também do papel desempenhado por Hieracômpolis. O fato de essa localidade ter conhecido formas avançadas de autoridade política e de produções simbólicas relacionadas a isso, e de maneira tão precoce, indica não tanto uma coexistência de vários poderes regionais no Alto Egito (Hieracômpolis, Abidos e Nagada), mas uma sucessão entre os dois primeiros. Além disso, o prematuro surgimento dessa autoridade proporciona uma espécie de “profundidade histórica”, que permitirá compreender melhor as origens da realeza egípcia, como cristalização de uma tradição plurissecular bem assentada antes mesmo de se produzir a efetiva unificação territorial do Egito sob um único soberano. É por esse motivo que não me parece descabido supor que após o desenvolvimento inicial de um poder político em Hieracômpolis, ao menos desde 3700 a.C., Abidos acabou se convertendo séculos depois em uma espécie de “Mênfis do sul”, ou seja, na nova capital e centro de poder estabelecido (hipoteticamente) pelas autoridades e reis hieracompopolitanos em uma região que oferecia melhores condições econômicas e estratégicas para seus interesses, em uma bacia fluvial mais extensa e com maior potencial agropecuário do que a área de Hieracômpolis, e melhor situada para exercer

¹³ No original: *comunales*. (grifo no original). N.T.

¹⁴ R. DI MARIA, «Naqada (Petrie's South Town): The sealing evidence», em H. Hanna (ed.), *The International Conference on Heritage of Naqada and Qus Region*, Naqada, 2007, p. 65-78; R. Fattovich, «Exploration at South Town by the Naples Oriental Institute (1977-1986)», em Idem, *ibid.*, p. 46-56.

um controle efetivo tanto sobre as redes de intercâmbio com o Levante como sobre as áreas mais setentrionais do Vale do Nilo, progressivamente incorporadas ao reino pré-dinásticos do Alto Egito. Inclusive me atrevera a afirmar que essa mudança de capital obedece igualmente a fatores produtivos, significando a passagem definitiva de uma economia onde o pastoreio e o controle das rotas do deserto possuíam um papel importante para outra economia onde a agricultura e o tráfico fluvial adquirem uma relevância inquestionável, sobretudo diante do agravamento das condições climáticas do Saara oriental, em pleno IV milênio. Tal mudança de capitalidade se produzirá novamente em outro momento, quando a incorporação do Delta ao reino do Alto Egito e o surgimento de um reino unificado foram sucedidas pelo deslocamento da capital para Mênfis, a partir de onde seria possível exercer um controle mais efetivo dos abundantes recursos do Delta e do tráfico com o Levante. Enfim, as recentes descobertas em Hieracômpolis revelam a existência de algum tipo de realza arcaica e de governo nessa localidade por volta de 3700 a.C., muito antes do surgimento dos primeiros reis pré-dinásticos de Abidos, de tal modo que o modelo de conquista e de organização territorial do reino pode ter surgido não aqui mas no extremo meridional do país, em torno de Hieracômpolis, na região que seria conhecida mais tarde justamente como *Hn-Nhm* (escrito em egípcio, com traço embaixo do H e concha embaixo do h) “o interior de Hieracômpolis”.

Esse papel de Hieracômpolis pode ser mais bem compreendido se voltarmos a atenção para os desertos circundantes e para as descobertas produzidas neles nos últimos anos. Por um lado, encontraram-se os *serejs* de governantes pré-dinásticos nos desertos que rodeiam a localidade, como, por exemplo, em Uadi Mineh, Uadi Qash e Uadi Um Balad, no deserto oriental, assim como em Gebel Tjauti e a oeste de Armant, no deserto ocidental, e inclusive em regiões muito mais distantes, como em Gebel Seij Suleiman, na Núbia, e no oásis de Jarga¹⁵. Esses achados confirmam a existência de entidades políticas pré-dinásticas poderosas o suficiente para estender sua influência muito mais além das regiões costeiras do vale do Nilo que controlavam, e em direção tanto ao Mar Vermelho quanto ao oásis do deserto ocidental e à Núbia, sem esquecer a Palestina. A descoberta recente na tumba de um chefe de Abidos, datada da fase Nagada II, de cerâmica elaborada no oásis de Dajla e, por outro lado, de cerâmica da cultura de Nagada nesse mesmo oásis corroboram a existência de tais contatos¹⁶. Nesse contexto,

¹⁵ 12 S. IKRAM, C. ROSSI, «An Early Dynastic *serekh* from the Kharga Oasis» *JEA* 90 (2004), 211-214.

¹⁶ U. HARTUNG, R. HARTMANN, «Zwei vermutlich aus der Westwüste stammende Gefässe im prädynastischen Friedhof U in Abydos» *MDAIK* 61 (2005), 211-218, pl. 36; C. A. Hope *et alii*, «Report on the excavations at Ismant el-Kharab and Mut el-Kharab in 2006», *BACE* 17 (2006), 23-67, pl. 1-12, fig. 1-16.

faz sentido a consideração de Hieracômpolis como um importante ponto de intersecção por onde confluíam rotas terrestres e fluviais, que conectavam as rotas no sentido Leste-Oeste dos desertos com o eixo fluvial Norte-Sul pelo Nilo e que conduziam tanto à Palestina como à Núbia. A título anedótico cabe mencionar a descoberta dos restos de um elefante jovem, o que corrobora, de maneira certamente inesperada, a importância dos contatos com o Sudão¹⁷.

Sendo assim, a despeito do agravamento das condições climáticas do Saara, o deserto continuou a ser percorrido por populações especializadas no pastoreio como forma de subsistência. E a arqueologia revela que grupos humanos procedentes da Núbia tiveram um papel ativo deslocando-se com seus rebanhos não só pelas margens do Nilo mas também pelas vastas extensões a oeste do rio durante o IV e III milênio¹⁸. Não se pode esquecer que, embora o deserto ocidental egípcio tenha conhecido uma notável diminuição das chuvas, o norte do Sudão foi mais favorecido a esse respeito, com maiores níveis de humidade¹⁹, o que permitia o deslocamento de pastores por essa região que, ademais, podiam chegar até a região de Hieracômpolis a partir do deserto, como pode ser constatado pelos enterramentos de gado, bem pelos vestígios materiais encontrados nesse local. De fato, esse lugar continuou sendo em época histórica um importante centro ritual e de inumação para as populações núbias²⁰. É por isso que, como enfatizou M. C. Gatto recentemente, o alto Egito e a Núbia setentrional e suas respectivas entidades culturais não devem ser consideradas antitéticas durante o período Pré-dinástico, uma vez que ainda compartilhavam numerosas tradições, se bem que com fortes variantes regionais, em especial no fim do IV milênio²¹.

¹⁷ R. F. FRIEDMAN, «Hiérakonpolis 2003: exhumer un éléphant», *BSFE* 157 (2003), 8-22.

¹⁸ M. LANGE, «Nubier in der Wüste-Fundplätze des 5. Und 4. Jahrtausends vor Chr. in der Laqiya-Region (NW-Sudan)», *Archäologische Informationen* 27/1 (2004), 169-177; Idem, «Wadi Shaw 82/52: a peridynastic settlement site in the Western Desert and its relations to the Nile Valley», en T. Kendall (ed.), *Nubian Studies 1998. Proceedings of the Ninth International Conference of Nubian Studies*, Boston, 2004, p. 315-324.

¹⁹ R. KUPER, «'Looking behind the scenes' - archaeological distribution patterns and their meaning», en O. Bubbenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of Cultural and Environmental Change*, p. 24-25.

²⁰ R. FRIEDMAN, «Pebbles, pots and petroglyphs: Excavations at HK64», en R. Friedman, B. Adams (ed.), *The Followers of Horus. Studies Dedicated to Michael Allen Hoffman*, Oxford, 1992, p. 99-106; Idem, «Pots, pebbles and petroglyphs, part II: 1996 excavations at Hierakonpolis Locality HK64», en A. Leahy, J. Tait (ed.), *Studies in Ancient Egypt in Honour of H. S. Smith*, Londres, 2000, p. 101-108; Idem, «Nubians at Hierakonpolis: excavations in the Nubian cemeteries», *Sudan & Nubia* 6 (2001), 20-24; S. Giuliani, «Nubian evidence in Hierakonpolis», en I. Caneva, A. Roccati (ed.), *Acta Nubica. Proceedings of the Tenth International Conference of Nubian Studies*, Roma, 2006, p. 223-227.

²¹ M. C. GATTO, «Contacts between the Nubian 'A-Groups' and Predynastic Egypt», en L. Krzyzaniak,

K. Kroeper, M. Kobusiewicz (ed.), *Interregional Contacts in the Later Prehistory of Northeastern Africa*, edited by, Poznan, 1996, p. 331-334; Idem, «The most ancient evidence of the 'A-Groups'

É a partir dessas considerações que convém interpretar os emblemas onde um símbolo idêntico ao hieróglifo da água aparece inscrito em um signo quadrangular. Descoberto em primeiro lugar em uma colina batizada “*A montanha de água de Redyedef*”, localizada a cerca de 100 km a sudoeste do oásis de Dajla, também fora encontrado recentemente em Gala el-Sheikh, no Uadi el-Howar, a 700 km ao sul de Dajla. Por isso, calcula-se que esses emblemas não representam hieróglifos egípcios, como se pensou em um primeiro momento, mas algum tipo de marca utilizada pelas populações nativas que percorriam esses vastos espaços desérticos²². Sem dúvida, as condições ambientais existentes no III milênio nessa região eram suficientemente favoráveis para permitir a presença de pastores, assim como a circulação de pessoas e objetos a cavalo entre o Egito e o Sudão²³. É ainda mais surpreendente a descoberta de arte rupestre única na região de Gebel Uenat, datada em torno de 4000 a.C., com cenas de um possível conteúdo ritual protagonizadas por um ser²⁴ fantástico rodeado de nadadores. Ainda que seja discutível que tais cenas correspondam realmente a crenças proto-egípcias, a ausência de paralelos conhecidos aponta para que Gebel Uenat tenha sido um centro ritual único onde se cristalizaram crenças especiais, talvez por ser frequentado por populações de origem diversa provindas de lugares muito distantes entre si²⁵. Por último, não se pode esquecer que a Núbia setentrional foi um ativo núcleo cultural e político no final do IV milênio, que mantinha estreitos laços com o Egito. Esses vínculos são particularmente evidentes na necrópole de Qustul, onde foram enterrados alguns poderosos chefes núbios. Suas tumbas mostram uma extraordinária riqueza que incluem objetos de grande qualidade fabricados no Egito. É muito provável que esses governantes tenham controlado a Baixa Núbia e que essa região tenha constituído uma entidade política antes do início da I dinastia egípcia, poderosa o suficiente para que os faraós das dinastias 0 a III empreendessem numerosas campanhas contra ela, como aquelas celebradas nas cenas de Gebel Sheikh Suleiman e as empreendidas por Jasejemuy, e que conduziriam finalmente ao abandono da necrópole de Qustul e a extinção do proto-estado núbio.

Em definitivo, com o agravamento das condições climáticas no Saara Oriental, sobretudo no deserto ocidental egípcio (no norte do Sudão a situação era mais

Culture in Lower Nubia», em L. Krzyzaniak, K. Kroeper, M. Kobusiewicz (ed.), *Recent Research into the Stone Age of Northeastern Africa*, Poznan, 2000, p. 105-117.

²² S. KRÖPELIN, R. KUPER, «More corridors to Africa», em B. Gratien (ed.), *Mélanges offerts à Francis Geus* (CRIPEL, 26), Villeneuve d’Ascq, 2007, p. 219-229.

²³ F. JESSE, et alii, «Cattle herding in the southern Libyan Desert», em O. Bubbenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of Cultural and Environmental Change*, p. 46-49.

²⁴ No original: *bestia*. (N.T.)

²⁵ J.-L. LE QUELLEC, «Une nouvelle approche des rapports Nil-Sahara d’après l’art rupestre», *Archéo-Nil* 15 (2005), 67-74.

favorável), produziu-se uma contração das atividades e dos assentamentos humanos e, por conseguinte, o progressivo abandono de muitas rotas terrestres, então impraticáveis por falta de pontos de água. O Nilo se converteu, com efeito, na principal via (de modo algum a única) de contatos e intercâmbios e, com isso, o declínio de Hieracômpolis e a ascensão de Abidos como novo poder político emergente no Alto Egito podem ser interpretados, simplesmente, como resultado do deslocamento do centro de gravidade política a uma localidade melhor localizada bem próxima do controle desse eixo de comunicações cada vez mais importante. Além disso, permitia um acesso mais fácil às amplas bacias fluviais, ao seu rico potencial agrícola do Médio Egito e às rotas comerciais da Palestina, onde foram estabelecidos numerosos centros comerciais e feitorias antes do início da I Dinastia²⁶. Dada a importância de Hieracômpolis como centro cerimonial durante o período Arcaico talvez não seja descabido pensar que seus governantes meramente mudaram de residência estabelecendo-se em Abidos durante as últimas fases do Pré-dinástico. De fato, as iniciativas políticas dos últimos governantes pré-dinásticos do Alto Egito parecem ter almejado a eliminação de qualquer possível rival no Nilo: a conquista do Delta e a destruição de seus possíveis núcleos políticos, assim como as campanhas contra a Núbia e que acabaram com a destruição do proto-estado núbio em Qustul, culminaram com o surgimento do Egito faraônico, um amplo território unificado em uma entidade política própria que controlava o trecho final do Nilo e o acesso do nordeste da África ao Mediterrâneo. Uma vez concluída a unificação a capital foi deslocada novamente para o norte, nos arredores de Menfis, o que favoreceu o controle dos amplos espaços do Baixo Egito, que compreendiam mais de 50% das terras cultiváveis do país. Nesse sentido, a construção de uma fortaleza em Elefantina representa a culminação da atitude agressiva do Egito frente seus vizinhos meridionais. No entanto, o fato de contar com evidências de núbios assentados tanto em Elefantina como em outras localidades situadas ao sul de Armant durante o período Arcaico, indica que, tal como sugere Gatto, a área em torno de Elefantina não constituía uma fronteira impermeável entre duas culturas diferentes, mas uma região de contatos e de circulação de populações, produtos e influências. Quase é permitido afirmar que a situação não podia ser de outra maneira tendo em conta a importância estratégica dessa localidade para os faraós. As escavações arqueológicas têm demonstrado a existência de um importante centro administrativo de onde procedem centenas de marcas de selos. Muitas delas são datadas da III dinastia, o que permite vislumbrar o papel de Elefantina como base logística das expedições enviadas ao território africano, um papel que se manteve durante todo o III milênio. Os selos mostram que os oficiais e

²⁶ E. C. VAN DEN BRINK, T. E. LEVY (ed.), *Egypt and the Levant. Interrelations from the 4th through the Early 3rd Millennium BCE*, Leicester, 2002.

funcionários de Elefantina eram abastecidos pela distante Abidos, e que em torno dessa localidade se proliferava uma população heterogênea formada por mercadores, intérpretes, funcionários, militares, núbios, etc²⁷. Ou seja, as próprias necessidades logísticas e administrativas da cidade favoreceram a ascensão de atividades cuja colaboração com os núbios era indispensável. Cabe lembrar que um pouco mais ao norte, em Gebelein, os arquivos da IV dinastia mencionam habitantes do deserto e caçadores entre os seus moradores²⁸, enquanto que Hieracômpolis, como foi assinalado, continuou sendo um importante centro ritual para núbios deslocados até ali.

Os governadores do oásis: Balat no Império Antigo

O oásis de Dajla é o caso mais evidente que demonstra a importância do deserto para o Egito do III milênio. As escavações levadas a cabo há décadas pelo IFAO trouxeram à luz, em primeiro lugar, um conjunto de mastabas e de inscrições que revelaram a existência, durante a IV dinastia, de uma sociedade provincial comparável pela sua cultura e monumentos à documentada em tantos centros do Alto Egito na mesma época²⁹. Apesar das distâncias, os contatos com as cortes não eram escassos e os

²⁷ J. P. PÄTZNICK, *Die Siegelabrollungen und Rollsiegel der Stadt Elephantine im 3. Jahrtausend v. Chr.* (BAR S1339), Oxford, 2005. Sobre la presencia nubia, cf. D. Raue, «Who was who in Elephantine of the third millennium BC?», *British Museum Studies in Ancient Egypt and Sudan* 9 (2008), 1-14; Idem, «Nubians on Elephantine island», *Sudan & Nubia* 6 (2002), 20-24; Idem, «Éléphantine: cinq campagnes de fouilles dans la ville du IIIe millénaire avant J.-C.», BSFE 163 (2005), 8-26. Sobre el contexto histórico de Elefantina en el Imperio Antiguo, vid. S. J. Seidlmayer, «Town and state in the early Old Kingdom: A view from Elephantine», en J. Spencer (ed.), *Aspects of Early Egypt*, Londres, 2006, p. 108-127.

²⁸ P. POSENER-KRIEGER, *I Papiri di Gebelein — Scavi G. Farina 1935—*, Turin, 2004.

²⁹ J. OSING et alii, *Denkmäler der Oase Dachla aus dem Nachlass von Ahmed Fakhry*, Maguncia, 1982; A. Fakhry, *The Oases of Egypt*, 3 vols., El Cairo, 1973; L. Giddy, *Egyptian Oases. Bahariya, Dakhla, Farafra and Kharga during Pharaonic Times*, Warminster, 1987; H. S. Smith, L. Giddy, «Nubia and Dakhla oasis in the late third millennium B. C.: the present balance of textual and archaeological evidence», en F. Geus, F. Thill (comp.), *Mélanges offerts à Jean Vercoutter*, Paris, 1985, pp. 317-330; M. Valloggia, *Balat, 1. Le mastaba de Medou-Nefer*, El Cairo, 1986; Idem, *Balat, 4. Le monument funéraire d'Ima-Pepy/Ima-Meryré*, El Cairo, 1998; A. Minault-Gout, P. Deleuze, *Balat, 2. Le mastaba d'Ima-Pépi. Tombeau d'un gouverneur de l'oasis à la fin de l'Ancien Empire*, El Cairo, 1992; G. Castel, L. Pantalacci, N. Cherpion, *Balat, 5. Le mastaba de Khentika. Tombeau d'un gouverneur de l'oasis à la fin de l'Ancien Empire*, El Cairo, 2001; G. Soukiassian, M. Wuttman, L. Pantalacci, *Balat, 6. Le palais des gouverneurs de l'époque de Pépy II. Les sanctuaires de ka et leurs dépendances*, El Cairo, 2002; G. Castel et alii, *Balat 7. Les cimetières est et ouest du mastaba de Khentika, oasis de Dakhla*, El Cairo, 2005; A. J. Mills, «Pharaonic Egyptians in the Dakhleh oasis», en C. S. Churcher, A. J. Mills (ed.), *The Dakhleh Oasis Project. Reports from the Survey of Dakhleh Oasis, Western Desert of Egypt, 1977-1987* (Dakhleh Oasis Project Monograph, 2), Oxford, 1999, p. 171-178;

governadores locais tiveram a mesma atenção por parte dos faraós que seus parceiros instalados no Vale do Nilo. Objetos preciosos feitos em pedras duras e dados pelos reis como obséquo aos governadores provinciais também chegaram a Dajla, enquanto (p.198) que os governadores deixaram em suas autobiografias um testemunho dos favores recebidos por seus soberanos³⁰.

O centro administrativo do oásis ficava no entorno da localidade de Balat. E as mastabas não são o único testemunho de sua presença. As escavações francesas trouxeram à luz um conjunto de capelas funerárias próximas ao palácio dos governadores, onde eram celebrados rituais em honra dos dirigentes locais. As capelas foram destruídas por um incêndio e somente foi restaurada a de Medunefér, que serviu durante séculos ainda como centro de culto em honra desse prestigioso antepassado da dinastia de autoridades do oásis³¹. A descoberta, em meados da década de 1980, de um decreto real que autorizava a criação de capelas de culto em honra dos governadores locais contém os nomes de vários deles, o que confirma uma informação já conhecida graças aos vestígios epigráficos presentes em seus monumentos funerários³². A autorização para construir capelas de culto em honra de um alto dignitário e de seus antepassados está bem documentada em outros centros provinciais durante o Império Antigo, como acontece, por exemplo, com Shemai de Coptos. Também é frequente que a tumba e o centro de culto de um alto dignitário provincial se transformem no decorrer do tempo em um importante polo ritual que enaltece e legitima a autoridade possuída por seus descendentes (reais ou fictícios) durante séculos, como é caso da tumba de Isi de Edfú e do santuário de Heqaib de Elefantina. Balat era, portanto, um centro provincial, sede de governadores e perfeitamente integrado na estrutura administrativa do reino a despeito da distância que o separava do Vale do Nilo.

G. Castel, «Mastaba de Khentika: gouverneur de l'oasis à la fin de l'Ancien Empire», en Z. Hawass (ed.), *Egyptology at the Dawn of the Twenty-First Century. Vol. 1: Archaeology*, El Cairo/Nueva York, 2003, p. 103-111. Ultimamente se ha descubierto un nuevo centro administrativo en el oasis de Dajla: A. J. Mills, «Another Old Kingdom site in the Dakhleh oasis », en R. Friedman (ed.), *Egypt and Nubia. Gifts of the Desert*, Londres, 2002, p. 74-78.

³⁰ L. PANTALACCI, «De Memphis à Balat: les liens entre la Résidence et les gouverneurs de l'oasis à la VIe dynastie», en C. Berger-Naggar, B. Mathieu (ed.), *Études sur l'Ancien Empire et la nécropole de Saqqâra dédiées à Jean-Philippe Lauer*, vol. 2 (Orientalia Monspeliensia, 9), Montpellier, 1997, p. 341-349.

³¹ G. SOUKIASSIAN, M. WUTTMANN, L. PANTALACCI, *Balat, 6. Le palais des gouverneurs de l'époque de Pépy II. Les sanctuaires de ka et leurs dépendances*, El Cairo, 2002; N. Cherpion, «La statue du sanctuaire de Medounefer », *BIFAO* 99 (1999), 89-101; M. Ziermann, Ch. Eder, «Zu des städtischen privaten ka-Hausanlagen des späten Alten Reiches in cAyn Asil», *MDAIK* 57 (2001), 309-356.

³² L. PANTALACCI, «Un décret de Pépi II en faveur des gouverneurs de l'oasis de Dakhla», *BIFAO* 85 (1985), 245-254; H. Goedicke, «The Pepi II decree from Dakhleh», *BIFAO* 89 (1989), 203-212.

Por uma extraordinária casualidade as provas das atividades administrativas desempenhadas por esses governadores e pelos funcionários responsáveis foram preservadas em aproximadamente cento e setenta placas de argila e fragmentos encontrados tanto no palácio dos governadores como nas capelas funerárias consagradas aos mesmos, e anexas a esse edifício. A distância do vale e a consequente escassez de papiro levaram ao uso de placas de argila como suporte para a redação de rascunhos de cartas, listagens de funcionários, registros da movimentação de artesanatos e da organização dos trabalhadores e das áreas agrícolas, documentos de natureza diversa e, inclusive, de natureza privada, como é o caso de alguns testamentos³³. A importância desse corpus documental é extraordinária dada a escassez de arquivos provinciais do III milênio conservados no Egito³⁴. A imagem que nos transmite esses textos é a de uma sociedade organizada e delimitada por dignitários diversos, em contato estreito com a capital do reino, sugerindo, inclusive, contatos com chefes e lugares possivelmente exteriores ao oásis³⁵. Por fim, o recinto administrativo dos governadores também tem proporcionado abundantes marcas de selos que completam a informação transmitida pelas placas de argila e permitem uma melhor compreensão das práticas administrativas vigoradas no oásis³⁶.

Apesar da importância de Balat, não foi essa a única localidade egípcia do oásis de Dajla no Império Antigo. Recentes escavações arqueológicas informam sobre a existência de outra localidade que parece ter desempenhado a função de centro de

³³ A. PHILIP-STÉPHAN, «Deux actes de disposition inédits découverts dans l'oasis égyptienne de Dakhla», RHD (2005), 273-281=Idem, *Dire le droit en Égypte pharaonique*, Bruselas, 2008, p. 261 [56].

³⁴ L. PANTALACCI, «Nouvelles récentes des archives anciennes trouvées dans la ville d'Éléphantine», en Ch. Gallois, P. Grandet, L. Pantalacci (ed.), *Mélanges offerts à François Neveu* (BdE, 145), El Cairo, 2008, p. 239-244.

³⁵ Acerca de las tablillas de arcilla de Balat, aún en proceso de edición, cf. P. Posener-Krieger, «Les tablettes en terre crue de Balat», en E. Lalou (ed.), *Les tablettes à écrire de l'Antiquité à l'époque moderne*, Turnhout, 1992, p. 41-49; L. Pantalacci, «Les habitants de Balat à la VI^{ème} dynastie: esquisse d'histoire sociale», en Ch. J. Eyre (ed.), *Proceedings of the 7th International Congress of Egyptologists*, Lovaina, 1998, p. 829-837; Idem, «La documentation épistolaire du palais des gouverneurs à Balat-³Ayn-Asil», BIFAO 98 (1998), 303-315; G. Soukiasian, M. Wuttmann, L. Pantalacci, *Balat, 6. Le palais des gouverneurs de l'époque de Pépy II*, passim; Idem, «Nouveautés graphiques et lexicales dans le corpus des textes de Balat», en S. J. Seidlmayer (ed.), *Texte und Denkmäler des ägyptischen Alten Reiches* (Thesaurus Linguae Aegyptiae, 3), Berlín, 2005, p. 275-285; Idem, «Agriculture, élevage et société rurale dans les oasis d'après les archives de Balat (fin de l'Ancien Empire)», em J. C. Moreno García (ed.), *L'agriculture institutionnelle en Égypte ancienne: État de la question et perspectives interdisciplinaires* (CRIPEL, 25), Villeneuve d'Ascq, 2006, p. 79-91; Idem, «Archivage et scribes dans l'oasis de Dakhla (Égypte) à la fin du III^e millénaire», en L. Pantalacci (ed.), *La lettre d'archive. Communication administrative et personnelle dans l'Antiquité proche-orientale et égyptienne* (Topoi—Supplément, 9), Lyon, 2008, p. 141-153.

³⁶ L. PANTALACCI, «L'administration royale et l'administration locale au gouvernement de Balat d'après les empreintes de sceaux», CRIPEL 22 (2001), 153-160; Idem, «Fonctionnaires et analphabètes: sur quelques pratiques administratives observées à Balat», BIFAO 96 (1996), 359-367.

transformação, talvez a serviço da administração conduzida pelos governadores. Por fim, as autoridades de Dajla espalharam pontos de observação em diversas colinas situadas ao sul do oásis. Em cada uma estão conservados os restos de duas ou três cabanas de pedra de dimensões reduzidas, e onde permaneciam temporariamente pequenas patrulhas. A cerâmica encontrada procede do vale do Nilo e não foi produzida localmente, enquanto que as marcas de selos conservadas, bem como um petroglifo com a representação de um soldado, indicam que esses pontos de observação estavam integrados na administração local. Em outra colina, situada dessa vez a nordeste do oásis, foram localizados os vestígios de outro posto de observação de características similares, que vigiava a rota de passagem em direção ao oásis de Jarga e, a partir daí, o Vale do Nilo³⁷.

As escavações arqueológicas permitiram completar um quadro enriquecido a cada ano com novas descobertas e que sugerem que lugares similares podem muito bem ter existido em outros oásis. Em 2008, por exemplo, uma equipe tcheca anunciou a descoberta de restos de construções do Império Antigo no oásis de Bahariya, enquanto que a publicação de diversos grafites do oásis de Jarga mostra em alguns casos evidências inquestionáveis de sua datação nesse mesmo período³⁸. Com isso, ganha vida um ativo mundo provincial pouco conhecido até o momento e que, apesar de levar uma vida distante do Vale do Nilo, apresenta traços culturais e administrativos similares aos de qualquer outro centro do Alto Egito na mesma época. Resta explicar, no entanto, quais motivos os faraós tiveram para promover a ocupação desses lugares remotos. E novas descobertas começam a contribuir para uma resposta fascinante.

A rota de Abu Ballas

As inscrições do Império Antigo encontradas nas imediações de Elefantina, sobretudo na necrópole de Qubbet el-Hawa, contém alguns dos relatos autobiográficos mais extensos e informativos da VI dinastia. Neles, chefes de caravanas como Sabni e Herjuf, entre outros, contam com detalhes as vicissitudes do seu trabalho à frente das expedições que os faraós enviavam ao território núbio. Herjuf, por exemplo, narra como as caravanas podiam alcançar o território núbio e as regiões do interior da África seguindo as vias fluviais, navegando pelo curso do Nilo, ou utilizando a “rota dos

³⁷ O. E. KAPER, H. WILLEMS, «Policing the desert: Old Kingdom activity around the Dakhleh oasis», em R. Friedman (ed.), *Egypt and Nubi*, p. 79-94.

³⁸ C. ROSSI, S. IKRAM, «Petroglyphs and inscriptions along the Darb Ayn Amur, Kharga Oasis», *ZĀS* 129 (2002), 142-151.

oásis”. Uma vez que Balat, seus governadores e sua organização administrativa datam também do final do terceiro milênio parecia evidente que Balat, assim como Elefantina, eram importantes centros logísticos que desempenhavam, entre outras coisas, a função de abastecer as caravanas egípcias que se dirigiam para o interior da África. De fato, a inscrição de Herjuf sugeria que o uso de uma ou outra rota dependia sobremaneira da situação política na Núbia e da disposição dos chefes locais diante dos enviados chegados do Egito. Nesse sentido, não é estranho que algumas inscrições autobiográficas de Qubbet el-Hawa mencionam a morte, até mesmo violenta, de alguns desses enviados, o que indica que quando a situação era particularmente insegura o uso de rotas alternativas, embora mais difíceis, era uma opção desejável. E a “rota dos oásis” devia servir a esse fim.

Contudo, a descoberta em 1917 de um depósito de trezentos jarros (*jarras*) na remota localidade de Abu Ballas, a cerca de 200 km ao sudoeste de Balat, abria a possibilidade da existência de outras rotas utilizadas em uma data imprecisa e que podiam ter se destinado não tanto à Núbia, mas à Líbia e o Chade. A datação da cerâmica revelou nos últimos anos que muitos dos recipientes encontrados não foram elaborados em datas mais recentes como se pensava, e que por isso não haviam sido depositadas por bandidos e por beduínos para facilitar seus deslocamentos entre o oásis de Kufra, as montanhas do Tibesti e os oásis egípcios. Muitos desses recipientes se referiam na realidade ao Império Antigo e outros ao Império Novo, o que demonstrava de maneira evidente duas coisas: por um lado, que as expedições egípcias penetravam muito mais além do que as áreas tradicionalmente conhecidas e, por outro, que o deserto ocidental apresentava algumas condições que, em pleno III milênio, ainda permitia a passagem de caravanas em uma época em que o dromedário era desconhecido na região e quando todos os deslocamentos deviam ser feitos em lombos de asnos.

Estimulado por esse mistério que ainda rondava na década de 1980 esse distante e, até então, único depósito de jarros conhecido, Carlo Bergmann, citado no início do artigo, empreendeu uma série de expedições a camelo por lugares remotos situados entre o oásis de Dajla e o maciço de Gil fel-Kebir, convencido da existência de uma antiga rota de caravanas utilizada na época dos faraós. A confirmação na década de 1990 da antiguidade dos recipientes descobertos em Abu Ballas viria justificar um esforço que se viu reforçado com a descoberta de uma inscrição a cerca de 50 km ao sudoeste de Balat, na chamada “*Roca de Mery*”, em honra do protagonista da mesma. Nela, um funcionário do Império Médio, Mery, afirma ter saído em busca dos habitantes do deserto no ano 23 de um rei não mencionado. Desde então, Bergmann descobriu numerosos depósitos de jarros, distribuídos em intervalos regulares de 30 km e que

marcam claramente um itinerário que, partindo de Balat, dirigia-se até as pequenas montanhas do maciço de Gilf el-Kebir, a cerca de 400 km ao sudoeste, muito próximo do limite entre as modernas repúblicas do Egito, Líbia e Sudão³⁹. Mais surpreendente ainda foi a descoberta posterior de um enclave, “*La Montaña del Agua de Redyedef*”, em uma colina utilizada como etapa desse itinerário e situada a 100 km ao sudoeste de Balat. Além de alguns restos dos recintos usados como curral para os asnos das caravanas, foram descobertas marcas de selos e, sobretudo, várias inscrições da IV dinastia que evocam a passagem das expedições enviadas ao deserto pelos faraós Quéops e Redyedef em busca de pigmentos⁴⁰. Por fim, foi anunciada, em 2008, a descoberta de uma nova inscrição hieroglífica, do início do II milênio, em Gebel Uenat, que faz menção ao nome do faraó Mentuhotep junto aos países de Yam e Tejebet (desconhecido até o momento) e a expressão “trazer incenso” (*traer incenso*)⁴¹. Em relação ao uso de pigmentos, a imprensa egípcia anunciou a descoberta em Giza, em 2005, de 26 marcas de selos datadas do reinado de Quéops e que mencionam soldados enviados ao deserto em busca de óxido de ferro com o qual era obtido o pigmento avermelhado utilizado na decoração das pirâmides. (p.202) Apareceram também por volta de cinquenta fragmentos de recipientes com marcas desses selos, assim como restos de vários sacos de couro utilizados para o transporte do precioso pigmento⁴².

É indubitável que esses novos achados ajudaram a compreender melhor o uso e a datação dessas rotas e o papel de enclaves como Balat na organização da circulação de produtos e expedições pelo deserto ocidental. Fica claro em todo caso que os territórios ao sudoeste do oásis de Dajla eram percorridos durante a IV dinastia, muito antes da fundação do centro administrativo de Balat e da instalação de governadores do oásis nele. A complexa logística necessária para organizar tais missões, ainda mais em uma

³⁹ Dois excelentes artigos resumem em detalhes o atual estado dos conhecimentos: F. Förster, «With donkeys, jars and water bags into the Libyan Desert: the Abu Ballas Trail in the late Old Kingdom/First Intermediate Period», *British Museum Studies in Ancient Egypt and Sudan* 7 (2007), 1-36; K. P. Kuhlmann, «The «Oasis Bypass» or the issue of desert trade in Pharaonic times», en *Tides of the Desert. Contributions to the Archaeology and Environmental History of Africa in Honour of Rudolph Kuper* (Africa Præhistorica, 14), Colonia, 2002, p. 125-170. Ver também: R. Kuper, «The Abu Ballas Trail: pharaonic advances into the Libyan Desert», en Z. Hawass (ed.), *Egyptology at the Dawn of the Twenty-First Century. Vol. 2: History, Religion*, El Cairo/Nueva York, 2003, p. 372-376; F. Förster, «The Abu Ballas Trail: a Pharaonic donkey-caravan route in the Libyan Desert (SW-Egypt)», en O. Bubbenzer, A. Bolten, F. Darius (ed.), *Atlas of Cultural and environmental Change*, p. 130-133; H. Riemer, «The archaeology of a desert road - the navigation system of the Abu Ballas Trail», en Idem, *ibid.*, p. 134-135.

⁴⁰ H. RIEMER et alii, «Zwei pharaonische Wüstenstationen südwestlich von Dachla», *MDAIK* 61 (2005), 291-350; F. Förster, «Preliminary report on the seal impressions found at site Chufu 01/01 in the Dakhla region (2002 campaign)», *GM* 217 (2008), 17-25.

⁴¹ J. CLAYTON, A. de Trafford, M. Borda, «A hieroglyphic inscription found at Jebel Uweinat mentioning Yam and Tekhebet», *Sahara* 19 (2008), 129-134.

⁴² Notícia disponível em: <http://www.carlo-bergmann.de/ex2004-5/expedition2004-5-2.htm>.

região que já apresentava condições difíceis devido à seca, parece apontar para algo além do que o envio ocasional de equipes em busca de pigmentos. Daí decorre o interesse da nova inscrição encontrada em Gebel Uenat, que não só confirma o uso dessa rota saariana no início do II milênio, mas que indica que por meio dela circulava o incenso e que, ademais, permitia alcançar o país de Yam, bem como outras regiões até agora desconhecidas. Talvez novas descobertas ajudem também a conhecer melhor a toponímia dessas regiões e as características de seus habitantes, sem negligenciar a sua contribuição para o esclarecimento da onomástica africana presente nos textos de execração do III milênio e a localização dessas populações nomeadas⁴³. Podem também jogar luz sobre o passado dos líbios, que irromperam de maneira tão contundente no Egito do Império Novo.

⁴³ J. OSING, A. M. ABU BAKR, «Ächtungstexte aus dem Alten Reich», *MDAIK* 29 (1973), 97-133; J. Osing, «Ächtungstexte aus dem Alten Reich (II)», *MDAIK* 32 (1976), 133-185; S. Wimmer, «Neue Ächtungsfiguren aus dem Alten Reich», *Biblische Notizen* 67 (1993), 87-101; J. F. Quack, «Some Old Kingdom execration figurines from the Teti cemetery», *BACE* 13 (2002), 149-160.

Epílogo

Mesmo que seja habitual na Egiptologia a descoberta de inscrições nas rotas frequentadas pelos enviados dos faraós, como em Uadi el-Hudi, Uadi Hammamat e nos *uadis* situados no sul do Egito e no norte do Sudão, os achados recentes incorporaram definitivamente à Egiptologia as vastas paragens que se estendem a sudoeste do Vale do Nilo. Antes considerados inóspitos e de pouco interesse para a compreensão dos períodos históricos do Egito, abrem-se agora perspectivas que podem contribuir para um melhor conhecimento da geopolítica do Egito em seu contexto africano, além de ampliar notavelmente o alcance dos contatos mantidos entre o Egito e seus vizinhos ocidentais e meridionais. É importante considerar o papel crucial que a geopolítica desempenhou na política exterior dos faraós, um tema pouco estudado até o momento⁴⁴. Pois o Egito está localizado em uma confluência de rotas terrestres, fluviais e marítimas por onde, em diversos períodos da história, transitavam produtos chegados do nordeste da África e da costa do Mar Vermelho, que tinham como destino o Oriente Próximo e a bacia do Mediterrâneo oriental. Basta citar, por exemplo, como a perda do controle da antiga rota em direção a Punt, no reinado de Ramsés III, coincide com o auge de uma rota do incenso que circulará por via terrestre e que levará ao nascimento de novas entidades políticas, como os reinos transjordanos de Edom, Moab e Ammón primeiro, e o reino nabateu e Palmira. Ou, para citar outro exemplo, como a expansão Kushita para o Egito, bem como suas tentativas de controlar o Levante meridional e os conflitos com o Império Neoassírio, parecem indissociáveis da consolidação, na mesma época, de vários estados na meseta etíope e no Iêmen, que puderam ter bloqueado o acesso kushita às redes comerciais de importância, obrigando os reis núbios a buscar vias alternativas mediante o controle, primeiramente, do Egito e de uma saída para o Mediterrâneo, e, posteriormente, dos pontos de chegada de algumas rotas iemenitas ao Levante meridional⁴⁵. É nesse ambiente geopolítico que

⁴⁴ Uma notável excessão: P. Grandet, *Les pharaons du Nouvel Empire (1550-1069 av. J.-C.): une pensée stratégique*, Mônaco, 2008.

⁴⁵ Os estudos sobre essas questões são ainda incipientes, mas é possível encontrar boas discussões parciais em: M. Liverani, «The trade network of Tyre according to Ezek. 27», em M. Cogan, I. Eph'al (ed.), *Ah, Assyria... Studies in Assyrian History and Ancient Near Eastern Historiography Presented to Hayim Tadmor* (Scripta Hierosolymitana, 33), Jerusalém, 1991, p. 65-79; Idem, «Early caravan trade between South-Arabia and Mesopotamia », *Yemen 1* (1992), 111-115; Idem, «Beyond deserts, beyond oceans», em A. Avanzini (ed.), *Profumi d'Arabia*, Roma, 1997, p. 557-564; Idem, «Ramesside Egypt in a changing world. An institutional approach», em G. Colonna (ed.), *L'impero Ramesside*. Convegno

cabe compreender melhor não só a dispendiosa logística empregada pelo Egito para alcançar Punt nos milênios III e II, mas também os ataques puntitas ao Egito, documentados no Segundo Período Intermediário⁴⁶.

A importância das novas descobertas nos leva, portanto, a revalorizar o papel de uma região que esteve até o momento distante do interesse dos egiptólogos. Resta um longo caminho até que possamos conhecer em detalhes o volume e a frequência do trânsito nessas regiões, a natureza dos contatos entre o Egito e seus habitantes, as características da logística faraônica no oásis, o impacto da presença egípcia na transformação das culturas nativas e na aceleração de processos de mudança social e política em seu interior (caso de núbios e líbios), e o alcance da penetração egípcia na África. E, por outro lado, o papel desempenhado pelo controle das rotas e da circulação dos desertos na origem da civilização faraônica. O Egito é, certamente, um dom do Nilo, mas pode ser que, em menor medida, também seja dos seus desertos⁴⁷.

internazionale in onore di Sergio Donadoni (Vicino Oriente-Quaderno 1), Roma, 1997, p. 101-115; Idem, «The libyan caravan road in Herodotus IV.181-185», *JESHO* 43 (2000), 469-520; K. Kitchen, «Economics in ancient Arabia. From Alexander to the Augustans», en Z. H. Archibald, J. Davies, V. Gabrielsen, G. J. Oliver (ed.), *Hellenistic Economies*, Londres-Nueva York, 2001, p. 157- 173; S. Sherratt, «The Mediterranean economy: «Globalization» at the end of the second millennium B.C.E.», en W. G. Dever, S. Gitin (ed.), *Symbiosis, Symbolism and the Power of the Past: Canaan, Ancient Israel, and Their Neighbors from the Late Bronze Age through Roman Palestine*, Winona Lake, 2003, p. 37-62; P. Lunde, A. Porter (ed.), *Trade and Travel in the Red Sea Region. Proceedings of the Red Sea Project I (Society for Arabian Studies—Monographs, 2)*, Oxford, 2004; M. Jasmin, «Les conditions d'émergence de la route de l'encens à la fin du IIe millénaire avant notre ère», *Syria* 82 (2005), 49-62.

⁴⁶ W. V. DAVIES, «Kush in Egypt: A new historical inscription», *Sudan & Nubia* 7 (2003), 52-54; Idem, Kouch en Égypte: une nouvelle inscription historique à El-Kab», *BSFE* 157 (2003), 38-44.

⁴⁷ C. A. HOPE, «Egypt and 'Libya' to the end of the Old Kingdom: A view from Dakhleh Oasis», en Z. A. Hawass, J. Richards (ed.), *The Archaeology and Art of Ancient Egypt : Essays in Honor of David B. O'Connor*, vol. I (ASAE-Cahier 36), El Cairo, 2007, p. 399-416 ; D. O'Connor, «The nature of Tjemhu (Libyan) society in Later New Kingdom Egypt», en A. Leahy (ed.), *Libya and Egypt c. 1300-750 BC*, Londres, 1990, p. 29-114 ; S. Snape, «The emergence of Libya on the horizon of Egypt», en D. O'Connor, S. Quirke (ed.), *Mysterious Lands*, Londres, 2003, p. 93-106.